

BRIC E AS MEGACIDADES: o caso de Moscou

orientador: Prof. Dr. Leandro Medrano | orientanda: Tainá Ceccato Colombrini

FAC. DE ENG. CIVIL, ARQUITETURA E URBANISMO

Laboratório de Estudos em Arquitetura Contemporânea

palavras-chave: Megacidades . BRIC . Habitação de Interesse Social

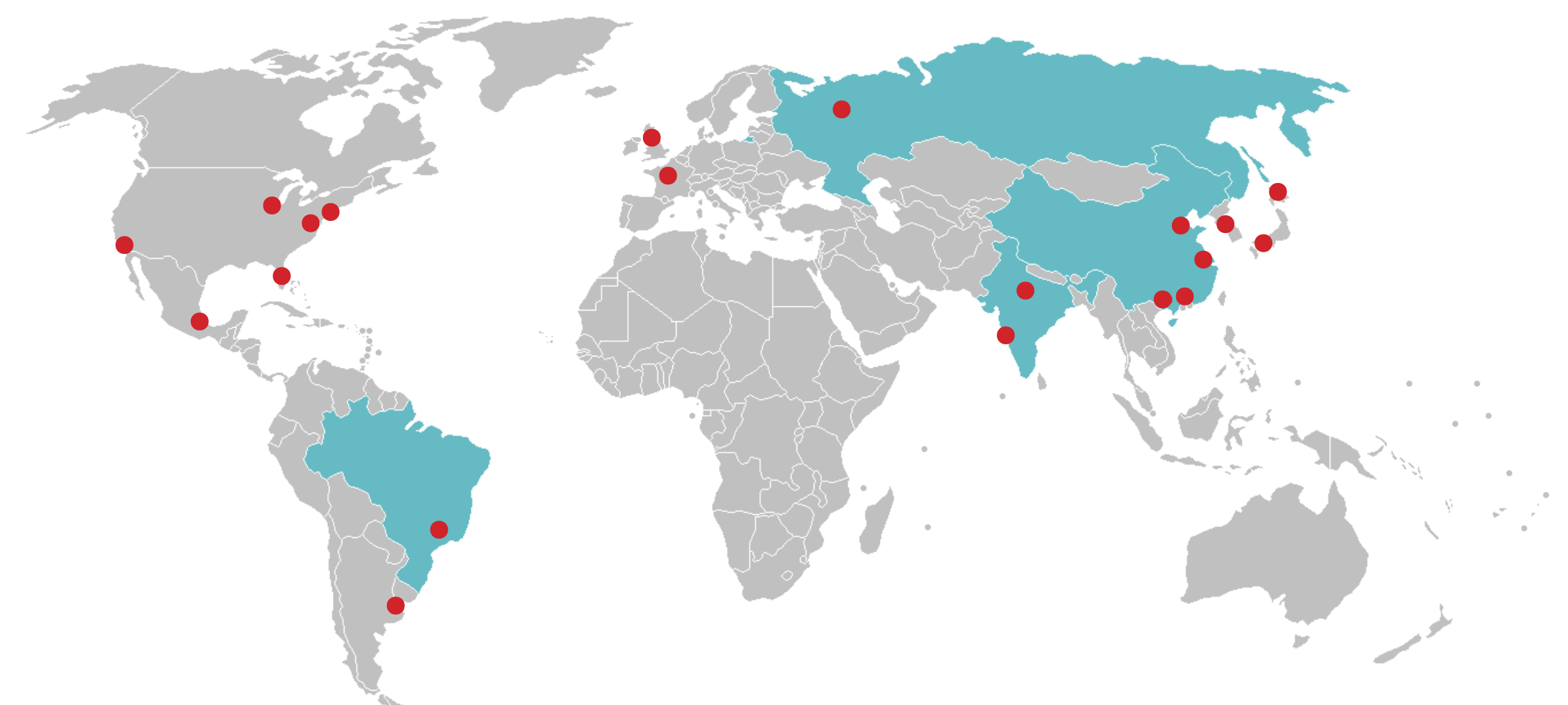


INTRODUÇÃO

A migração para uma economia urbana é um fenômeno visível dos dias atuais e acarreta em diversos problemas e vantagens de caráter social e urbanístico. Faz-se necessário bem compreender esse fenômeno para que seja possível reduzir as mazelas e majorar os benefícios por ele causados, auxiliando o juiz perante a evolução das megacidades e permitindo que se possam estruturar projeções futuras. Dessa forma, torna-se possível a melhor condução de políticas públicas e a articulação da gestão municipal, o que permitiria o aproveitamento máximo da potencialidade tácita das megacidades. O estudo de como esses processos desenrolaram-se em Moscou permitiria o estabelecimento de paralelos com múltiplas cidades do planeta devido ao fato de que a cidade foi anfitriã a condições históricas e políticas das mais variadas.

METODOLOGIA ADOTADA

Este painel refere-se à pesquisa de iniciação científica desenvolvida entre agosto/2011 e janeiro/2012, fomentada pelo PIBIC, com interrupção por motivo de intercâmbio acadêmico, sendo retomada e fomentada atualmente por bolsa Fapesp. A metodologia fundamentou-se em revisão bibliográfica e análise de indicadores urbanos.



AS MEGACIDADES [●]

Em 1950, 30% da população mundial residia em áreas urbanas. Em 2007, pela primeira vez na história, esse valor passou de 50%. Em 1975, havia apenas três megacidades; atualmente, são vinte e uma, com projeção que prevê vinte e sete até 2020. Mais do que simples estatísticas, tais dados denotam o estabelecimento de um novo paradigma no que concerne às forças de aglomeração populacional atuais: a preferência por aglomeramentos urbanos, fundamentalmente expressos pelas megacidades.

Por definição, megacidade é uma aglomeração urbana com mais de dez milhões de habitantes. Apesar de sua aceção ter caráter estritamente quantitativo, são as implicações da alta densidade que de fato expressam a singularidade de tais cenários urbanos e que acabam por delinear suas características essenciais. O apelo essencial da megacidade fundamenta-se nas oportunidades para geração de renda, e, por esse motivo, o fenômeno pode ser percebido com especial força nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento. A consequência imediata para a dinâmica urbana é, entretanto, catastrófica: a expansão da infra-estrutura não consegue acompanhar as taxas de crescimento da população, levando-a, assim, ao colapso. Não obstante, o quinhão populacional extremo acelera e fortalece o processo de não-democratização do espaço urbano.

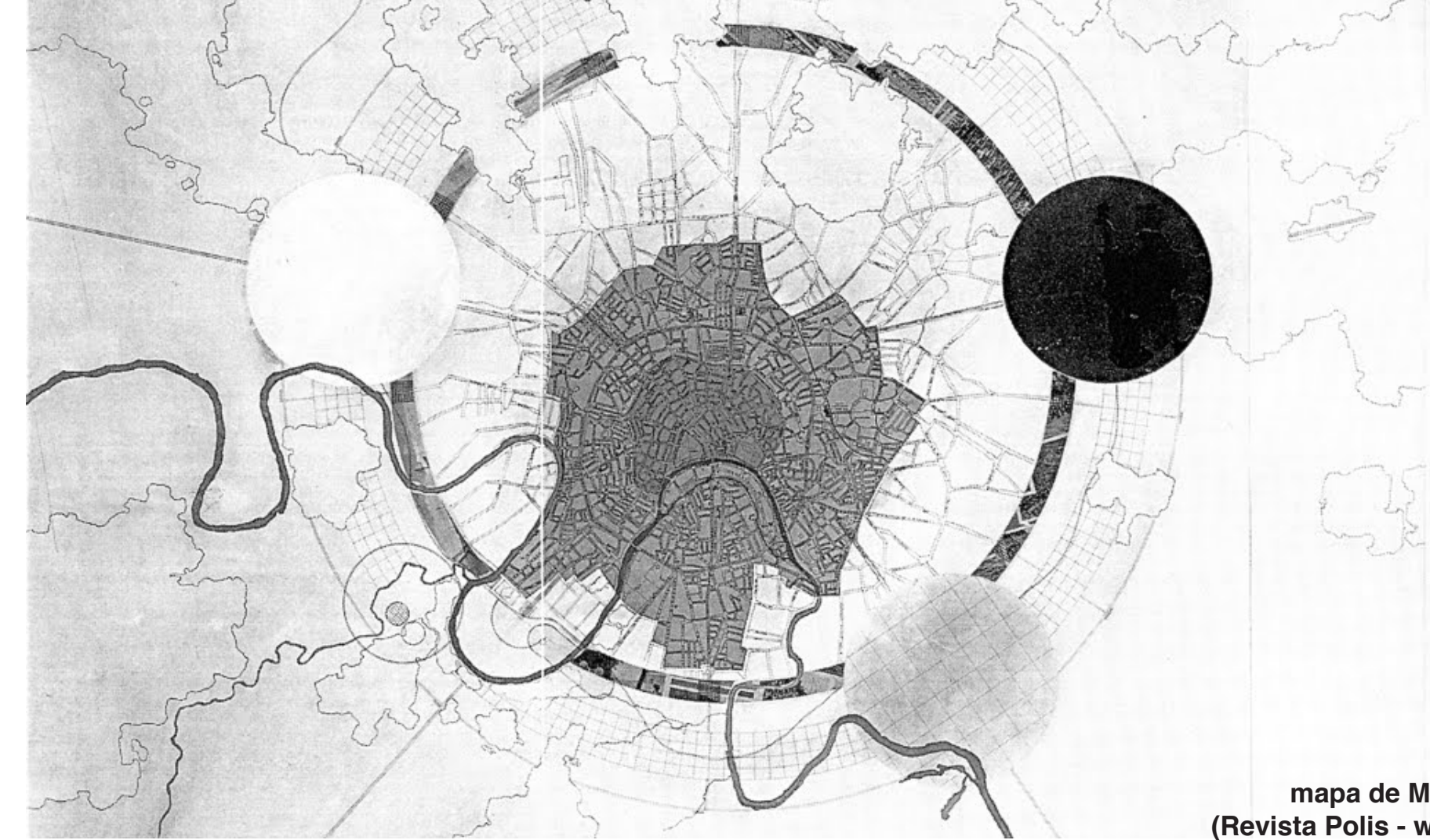
O conceito de megacidade relaciona-se intrinsecamente com o de cidade global, refletindo a importância que o meio urbano assumiu na sociedade e na economia atuais. Um exemplo é Moscou, a primeira megacidade européia e uma cidade global, cuja economia se sobressai na configuração da cidade e na produção do espaço urbano, como decorrência da participação russa no BRIC.

OS PAÍSES DO BRIC [■]

A sigla BRIC refere-se ao Brasil, Rússia, Índia e China e foi cunhada em 2001. O agrupamento, longe de constituir um bloco econômico, condiciona-se pela égide das respectivas economias nacionais e seu papel no cenário internacional. Os BRIC constituem o grupo dos chamados “países em desenvolvimento” ou “países emergentes” e, juntos, superam, atualmente, em poder de compra, os Estados Unidos e a União Européia, além de somar cerca de 40% da população mundial e mais de um quarto da superfície terrestre do planeta. A compreensão do delicado equilíbrio de tais sistemas mundiais faz-se essencial para determinar os elementos balizadores da produção arquitetônica e urbanística atual de Moscou e para assimilar a forma como a economia mundial – e mundializada – contribui para modelar suas espacialidades.

A EVOLUÇÃO DA CONSTRUÇÃO EM MOSCOU, ASSOCIADA ÀS CONDIÇÕES POLÍTICO-ECONÔMICAS AO LONGO DE SUA HISTÓRIA

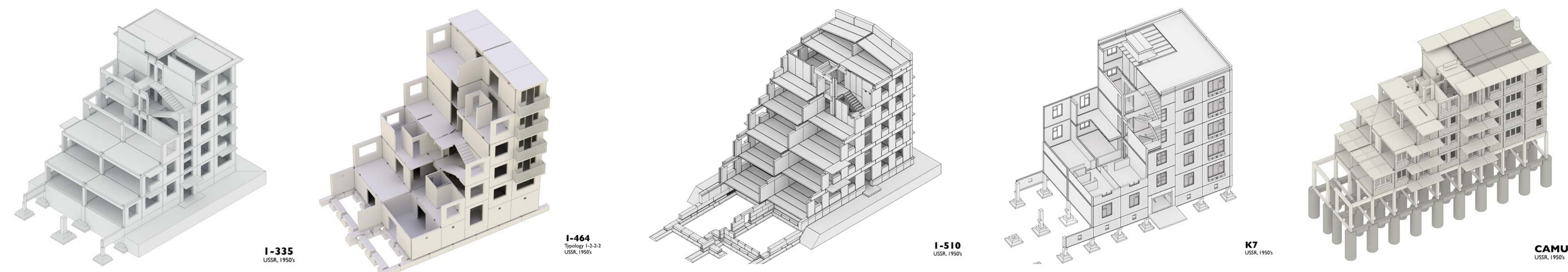
Moscou foi fundada em 1147, ao redor do Kremlin, um fortificado que hoje serve de sede ao governo russo, o que resultou em uma configuração espacial radial (**mapa abaixo**). Com a Revolução Bolchevique de 1917, e o decorrente estabelecimento da União Soviética (URSS), o novo líder, Vladimir Lênin pretendia que Moscou se tornasse a síntese de um governo novo. Uma das principais reivindicações dos bolcheviques contra o sistema imperial czarista era com relação às péssimas condições de habitação e à opressão do proletariado. Nesse sentido, a questão da habitação foi sempre uma temática presente na organização urbana de Moscou, estendendo-se até os dias atuais. Entretanto, até a morte de Lênin em 1924, pouco havia sido feito. A Guerra Civil consumiu os recursos do governo, dificultando o investimento na arquitetura e no urbanismo da capital.



mapa de Moscou nos anos 1920 (Revista Polis - www.thepolisblog.org)

No governo de Josef Stalin, investiu-se na construção. O princípio de embelezamento das cidades iniciado pelo Barão de Haussmann na Paris do século XVII evoluiu para o movimento City Beautiful em Chicago e retornava, então, à Europa, sob a forma de iconografia do poder para a Rússia Comunista e a Alemanha Nazista. Para que o embelezamento fosse viável, Stalin demoliu muito da Moscou antiga.

Após a morte de Stalin, em 1953, Nikita Kruschov estabeleceu uma nova política de habitação (**figura ao lado, topo**), baseada na industrialização da produção e na constituição de superquadras – chamadas mikroraions – que continham escola, creche, estacionamento e jardins privados. O número de moradias aumentou expressivamente, porém sua qualidade era muito precária – e por isso, até os dias de hoje, tais unidades habitacionais são chamadas de khrushovye, uma combinação do nome de Kruschov com o termo russo para favela. Com o fim da URSS, o prefeito Yury Luzhkov engendrou um programa de reconstrução das áreas alteradas por Stalin e abriu a arquitetura para a participação de renomados escritórios ocidentais.



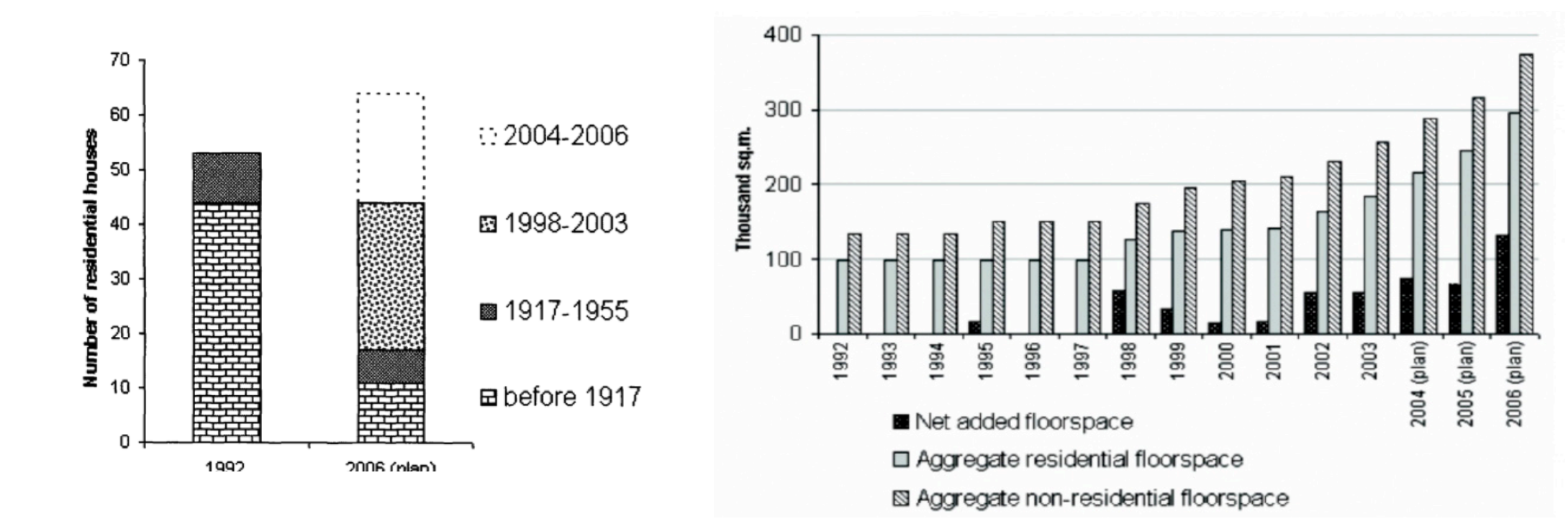
tipologias variadas de Habitação Social pré-fabricada, URSS, anos 50 (JORNADA DA HABITAÇÃO, em www.saopaulocalling.org)

O MERCADO IMOBILIÁRIO NO CENTRO DE MOSCOU ANTES E DEPOIS DA REVOLUÇÃO RUSSA

Com a queda do comunismo no início dos anos 1990, a Rússia se viu forçada a adaptar-se a um Mercado habitacional neo-liberal, o que gerou profundas alterações tanto econômicas como sociais e até mesmo arquitetônicas, tendo em vista que em Moscou, por exemplo, 90% das unidades habitacionais alugadas eram de propriedade estatal (NAGY, 2010). O controle sobre o valor do aluguel também era detido pelo Estado e estava congelado desde 1928.

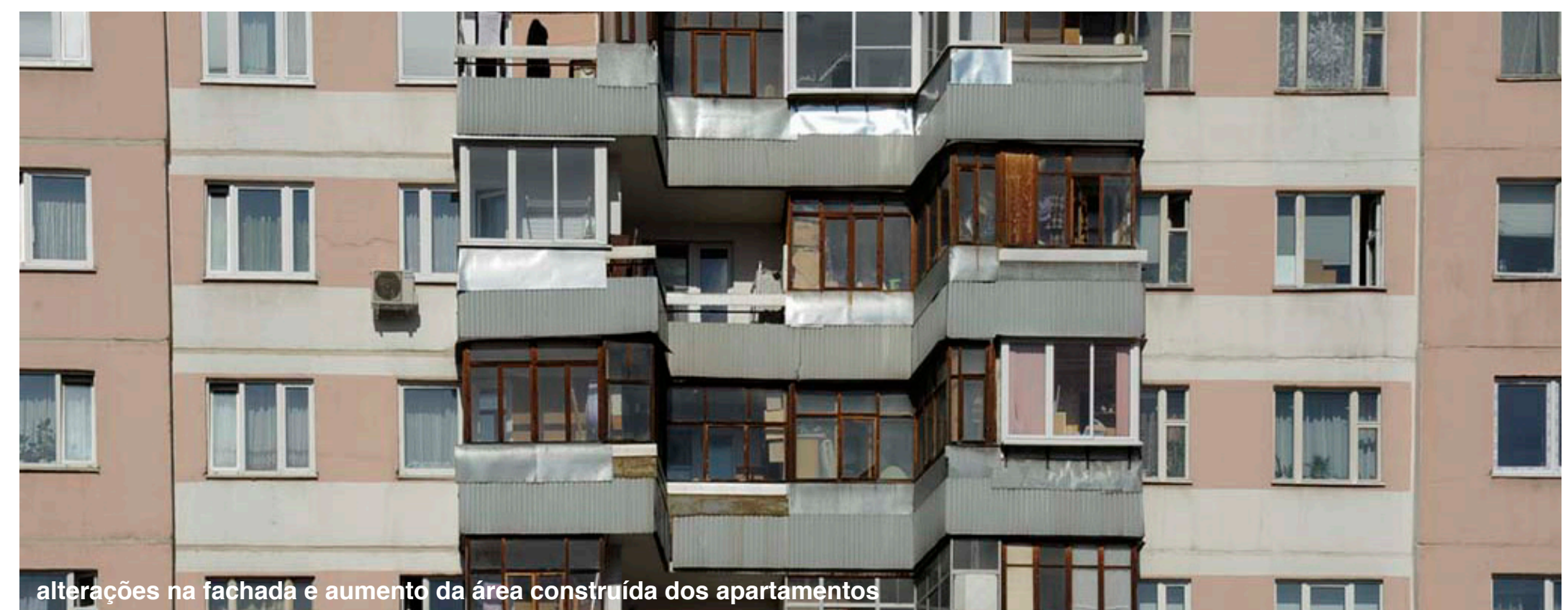
Em 1991, o mercado habitacional foi privatizado, o que resultou em uma queda drástica de viviendas disponíveis e, consequentemente, no aumento expressivo de habitações inadequadas ou superpopuladas, do número apartamentos compartilhados e das inscrições para a longa lista dos que esperavam por uma habitação subsidiada pelo governo. Não obstante, a inexistência de leis e políticas de mercado e de empresas privadas de construção deu margem a intervenções e reformas informais, realizadas pelos próprios moradores (**foto abaixo**). Esse movimento resultou na alteração da maioria dos edifícios centrais da cidade, principalmente no que condiz ao aumento da área construída – antes, as principais alterações eram em áreas comuns não-residenciais (**gráficos abaixo**).

Simultaneamente às primeiras leis de Habitação Privada, que surgiram em 1991, foi incentivada a construção de novas casas pelo setor privado através de leis de financiamento e da redução massiva do orçamento estatal de subsídio à habitação. Com isso, o número de propriedades privadas na Rússia cresceu expressivamente, principalmente em Moscou.



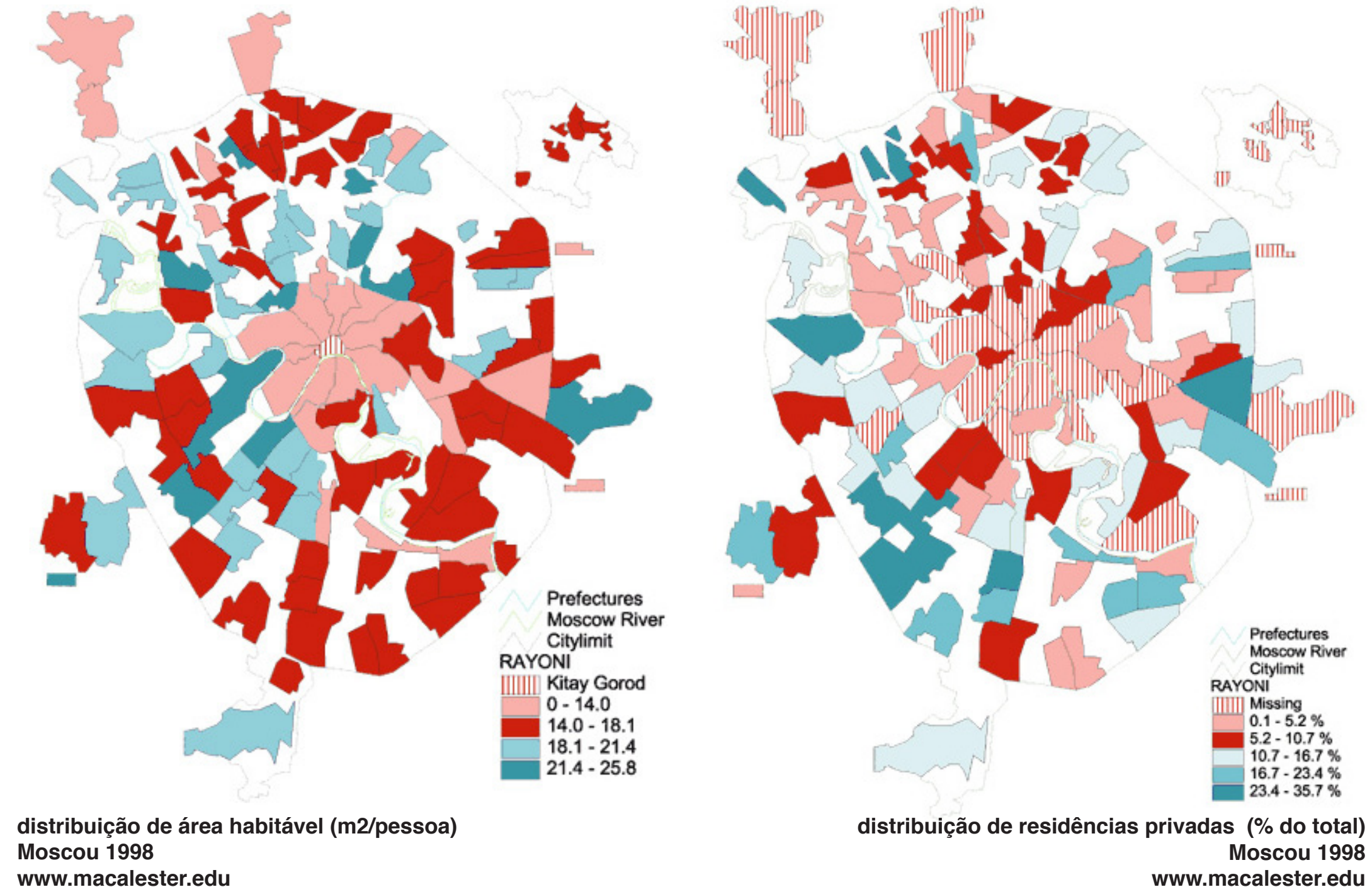
número e tipo de residências por período construído (BADYINA & GOLUBCHKOV, 2005)

aumento de área construída, de área construída residencial e de área construída não-residencial no bairro de Ostozhenka (idem)



As soluções adotadas foram apressadas e pouco planejadas e acabaram por intensificar problemas sociais, que podem ser percebidos por toda a extensão da cidade. Durante o regime soviético, como o Estado era detentor das casas, e apenas as sublocadava, os bairros eram socialmente heterogêneos e não figuravam-se fenômenos como especulação imobiliária. Assim, até a instituição da Perestroika, era mais barato e mais conveniente para o governo investir em áreas novas ao redor da cidade do que reformar a infra-estrutura e arcar com os custos das demolições em áreas antigas. Isso resultou num processo de abandono do centro e de aumento da densidade urbana nas regiões periféricas. No caso particular de Moscou, serviu para acentuar a já existente configuração urbanística em anéis concêntricos, oriunda da espacialidade feudal (**mapa ao lado**).

Com a privatização da economia, os mais ricos iniciaram movimentos de segregação social e gentrificação, principalmente na periferia. Nas áreas centrais, compraram e reformaram os edifícios antigos, demolindo paredes e adaptando-os para os novos padrões de vida (**figuras abaixo**). BADYINA & GOLUBCHKOV (2005) argumentam que esse movimento, fomentado pelo Estado sob o slogan “renovação através da demolição”, além de provocar profundos impactos sociais, desconfigurou a memória arquitetônica local dos mikroraions. Segundo MARAKOVA, tais projetos negam a mentalidade soviética dos apartamentos comunais, alterando a antiga dinâmica entre público e privado. Além disso, com a privatização, o valor maior era dado ao imóvel em si, abdicando-se, para tanto, da qualidade e da quantidade das áreas públicas tão presentes e valorizadas durante o regime soviético.



distribuição de área habitável (m2/pessoa) Moscou 1998 www.maclester.edu

distribuição de residências privadas (% do total) Moscou 1998 www.maclester.edu

SITUAÇÃO ATUAL DA ECONOMIA RUSSA E A INFLUÊNCIA NA QUESTÃO DA HABITAÇÃO

Segundo THOMPSON & FISHER (2012), os BRICS trazem 5 lições de organização de mercado e, por isso, são tão bem-sucedidos na economia mundial atual; são elas: crescimento da classe média, mercado de vendas fortalecido, Estado capitalista, minimização da corrupção, Estado e sociedade fortes. A Rússia se relaciona com esses preceitos de forma contraditória, pois apesar de apresentar um boom da classe média e um Estado controlador de importantes empresas como a Gazprom, é pouco desenvolvida tecnologicamente e confia o maior corte de sua economia à flutuação de commodities, além de ser composta por uma sociedade dividida pelo fantasma do antigo Estado socialista. Por isso, os autores afirmam que a “Rússia, o nanico do grupo, é atormentado por terríveis demografias e um setor privado fraco a parte de seus recursos naturais”.

O acentuado declínio demográfico atual – que leva à diminuição progressiva no oferecimento de mão-de-obra e consequente perda do valor relativo do mercado –, combinado com um pessimismo russo com relação ao seu papel no cenário mundial (TROYJO, 2012) e com o desempenho duvidoso do petróleo para a economia política do país (por um lado, é a maior fonte de renda do país; por outro, a ausência de projetos estruturados de desenvolvimento mantém altos níveis de burocracia e corrupção) está incitando perguntas quanto à permanência russa dentro do enquadramento dos BRICS.

Não por isso, a questão da demanda habitacional se faz muito presente no cenário urbano moscovita atual, com o aparecimento de inúmeros empreendimentos residenciais que visam à construção de villas suburbanas de apartamentos de elite para os “novos russos”. Entretanto, apesar do boom habitacional que evoluiu entre 2000 e 2007, como consequência à saída da crise de 1998, o preço das propriedades continua a cair – um indicador não muito favorável a uma cidade com tais proporções.

Moscou é, assim, uma megacidade que representa tanto as vantagens como as mazelas urbanas e sociais decorrentes da aglomeração intensa. Seu desenho urbano é marcado pelas condições que experienciou no século XX, durante o qual foi regida por três muito distintos princípios político-econômicos: do domínio feudal czarista, pela coletivização das terras e meios de produção com os soviéticos, até a abertura neoliberal no final do século.

PRÓXIMAS ETAPAS DA PESQUISA

Elaborar análise comparativa entre os mikroraions soviéticos (no contexto de pré-fabricação dos anos 50) e os novos projetos para a capital, elaborados sob princípios da arquitetura contemporânea (como os apresentados para o concurso A101 de 2010). A Ilha de Cristal – “uma cidade dentro da cidade” –, do renomado arquiteto Norman Foster também deverá ser analisada em comparação com as realizações e os projetos utópicos propostos por Stalin, devido à sua natureza monumental comum.



fotografia aérea de um mikroraion



projeto Ruas Congeladas, de Onat Oktem & Ziya Imret, para o concurso A101



projeto da Ilha de Cristal, de Norman Foster

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADYINA, Ana; GOLUBCHKOV, Oleg. Gentrification in central Moscow: a market process or a deliberate policy? Money, power and people housing regeneration in Ostozhenka. Suécia: Blackwell Publishing, 2005. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/3554305>.
- DOYTSHER, Y.; KELLY, P.; KHOURI, R.; McLAREN, R.; MUELLER, H.; POTSIQU, C. Rapid Urbanization and Megacities: the Need for Spatial Information. In: FIG CONGRESS 2010 FACING THE CHALLENGES, 2010, Sydney. Disponível em: http://www.fics.org/site/download_feed.aspx?fileID=6467&fileExtension=PDF
- GORDON, D. L. A. Planning Twentieth Century Capital Cities. Londres e Nova York: Routledge, 2006.
- MAKAROVA, E. The New Urbanism in Moscow: the Redefinition of Public and Private Space. Disponível em: http://www.alicadademic.com/meta/p_mia_apr_research_citation/1/0/4/5/8/pages/104581/p104580-1.php. Acessado em: mar/2011.
- NAGY, Danil. Moscow: the creation of a housing Market in a post-socialist capital. 2010. Disponível em: <http://danilnagy.wordpress.com/moscow-the-creation-of-a-housing-market-in-a-post-socialist-capital>
- SANT'ANNA, Lourival. Moscou: da sociedade coletiva para a proibitiva. O Estado de São Paulo – grandes reportagens: megacidades, 2008.
- SMITH, S. The Economics of Redevelopment and the Shape of Socialist Cities. Disponível em: <http://marketurbanism.com/2010/10/19/the-economics-of-redevelopment-and-the-shape-of-socialist-cities>.
- THOMPSON, Derek; FISHER, Max. 5 lessons from the rise of the BRICS. The Atlantic. 2012. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/international/archive/2012/02/5-lessons-from-the-rise-of-the-brics/253045/>.